



RODRIGUES, Éder. **Deslocamentos da memória na construção dramática do espetáculo *A Casa do Sol***. Porto Velho: UNIR. Universidade Federal de Rondônia; Professor do Curso de Teatro.

RESUMO

A abordagem da memória como ponto de partida para investigações teatrais junto aos processos de criação dramática tem sido recorrente no teatro contemporâneo. Os resultados desses processos fomentam as discussões referentes à performatividade do texto e seus desmembramentos na obra teatral.

Neste curso emergem reflexões sobre como o recurso da memória utilizado como pilar dramático dialoga com novas possibilidades de criação, tanto no tratamento teórico como na prática cênica. Estas reflexões revisitam elementos constituintes da dramaturgia deslocando os procedimentos de costura, fragmentação e intertextualidade para campos que utilizam dos tempos e deslocamentos da memória como estratégia de teatralização de materiais tidos como imóveis e que a dramaturgia movimenta e desloca.

Este artigo se debruça sobre o processo de criação do espetáculo *A Casa do Sol*, do Grupo Asterisco de Teatro. Esta montagem privilegiou recursos memoriais que reconstituem o inventário da escritora Hilda Hilst em um plano dramático performático que revisita os vestígios, ressonâncias e mutações do baú memorial hilstiano e sua potencialidade dialógica na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: dramaturgia: memória: teatro contemporâneo

ABSTRACT

The approach of memory as a starting point for theatrical investigations along with the processes of theatrical creation has been recurrent in the contemporary theater. The results of these processes instigate discussions regarding the performativity of the text and its consequences in the play.

Thus, will emerge reflections on how memory - used as a dramaturgical pillar - converses with new creative possibilities, both in theoretical approach and in the scenic praxis. These reflections revisit elements of the dramaturgy, shifting the procedures of split, fragmentation and intertextuality for fields that use time and displacement of memory as a strategy for dramatization of material considered steady and that is moved and shifted by dramaturgy.

This article focuses on the process of creating the show *A Casa do Sol*, by Grupo Asterisco de Teatro. This montage privileged memorial resources that reconstitute the inventory of the writer Hilda Hilst in a dramaturgical performing field that revisits the traces, resonances and changes from the “trunk of Hilst’s memories” and its dialogical potential in the contemporaneity.

KEYWORDS: dramaturgy: memory: contemporary theater

Nos palcos da atualidade se torna inevitável a presença de uma dramaturgia estreitamente ligada ao processual dinâmico característico da engrenagem teatral, como forma de dar

amplitude as suas significações. Estas elaborações que assumem a fronteira da criação têm se formatado de maneira plural, modulando inúmeras vozes ao que se teatraliza e se configura enquanto “texto” no espaço cênico contemporâneo. A quebra com os preceitos aristotélicos de construção dramática, os diálogos com a performance e o processo compartilhado têm sido cada vez mais recorrentes no palco, como consequência de um novo entendimento sobre a textualidade e seus reflexos na encenação.

Neste contexto está inserido o processo de concepção do espetáculo *A Casa do Sol*, encenado pela Asterisco Cia. de Teatro¹. A peça é um mergulho existencial, filosófico e memorialístico de investigação estética e poética, elaborada dentro de um projeto que significou um divisor de águas nos trabalhos do grupo, até então, voltado para as questões que envolvem a corporeidade, as relações contemporâneas e uma constante pesquisa nos âmbitos atorais e da direção. Diante dos enfrentamentos que motivam a arte teatral enquanto grupo, o coletivo precedeu este processo elegendo dentro de sua curta, porém, dedicada existência, um momento reflexivo para argumentar e elencar proposições que reativassem a força dos discursos teatrais, misturando as artes como uma forma de outorgar um lócus híbrido ao que seria levado à cena.

Partindo das próprias inquietações e ideologias, o grupo diagnosticou um destacado esvaziamento das utopias e várias lacunas observadas quanto às falsas posições ditas libertárias – discursos tratados teatralmente com ressalvas ou muitas vezes capitalizados pelos sistemas. A princípio o mote central do coletivo não direcionou fontes, apenas organizou uma pesquisa conjunta para encontrar discursos textuais que realmente tivessem a abrangência necessária para tocar o espectador em todos os estados dormentes ou anestesiados pelas urgências do agora. A ideia era recuperar o espírito jovial e revolucionário que a palavra guarda e potencializá-lo em uma montagem.

1 A Asterisco Cia. de Teatro foi criada em 2005 na cidade de Belo Horizonte/MG junto ao curso de artes cênicas da Universidade Federal de Minas Gerais UFMG com os objetivos de exercer um trabalho nas perspectivas do teatro de pesquisa, com um repertório atuante e investigativo diante dos embates que as artes cênicas fomentam. Faz parte do repertório do grupo *Vida Dariana em: o tempo de um ovo* (2005) e *Barbárie* (2006) – cenas de curta duração – e *Chuvas, viagens, sovacos e cebolas* (2009) primeiro espetáculo de longa duração da companhia. Em 2010 o grupo Asterisco foi um dos quatro finalistas do projeto *Cena Espetáculo*, promovido pelo Galpão Cine Horto. Após o festival, o coletivo deu continuidade ao processo de criação e desenvolvimento do trabalho e em novembro do ano de 2010 estreou a peça *A casa do sol*, espetáculo dedicado à escritora paulista Hilda Hilst.

Após algumas reuniões para discussão de temas, o memorial de alguns textos de Hilda Hilst² foi inserido junto ao grupo. Embora conhecida no cenário literário nacional, grande parte da obra desta escritora foi (e continua sendo) pouca lida, fato que motivou o grupo a mergulhar justamente nestas obras recentemente editadas e que só a luz do século XXI entraram em voga no meio acadêmico. Diante dos primeiros materiais levantados se tornou perceptível o potencial performático³ da obra da autora, além da profundidade dos escritos se tornarem verdadeiros ultimatoss junto aos propósitos que o grupo aguçava naquele momento. A espetacularidade que o texto de Hilst agrega, seja ele escrito em qualquer um dos gêneros (já que a autora passa por todos com a mesma imponência libertária, profundidade filosófica e atualidade) se tornou o pilar propulsor deste trabalho.

Dentro do processo foi realizado um levantamento do memorial hilstiano a partir de toda a obra literária produzida pela autora que elevasse o tom subversivo, tanto no tema de abordagem, como nas fronteiras da linguagem onde opera. Foram reunidos textos em prosa de variadas vertentes, as crônicas reunidas na obra *Cascos e Carícias*, o vasto poemário produzido desde o começo da carreira, entrevistas, vídeos realizados por artistas sobre a autora, documentários, álbuns musicais compostos a partir de sua obra, as peças teatrais, além de visitas feitas pelos integrantes à Casa do Sol⁴.

Todo o material levantado constituiu um vasto memorial que se levado à cena, se formataria como uma espécie de inventário da obra de Hilst, com toda a sua força subversiva, cabendo a dramaturgia o exercício de costura, mistura e interposições dos textos. No entanto, foi justamente neste universo de decisões dramáticas que a força performática da textualidade

2

(1930–2004) Escritora com um amplo projeto literário desenvolvido em todos os gêneros. Seus trabalhos no âmbito da poesia e da prosa são internacionalmente conhecidos. A autora ainda escreveu oito peças teatrais que compõe o seu teatro completo recentemente editado. O poder subversivo tanto na temática apresentada, quanto nos exercícios da linguagem outorgaram à escritora, prêmios importantes do cenário literário do país e a menção pela crítica como uma das grandes vozes da literatura brasileira contemporânea.

3

O potencial performático de suas obras tem sido recorrente nos estudos atuais que trazem abordagens mais dinâmicas e referenciais da performance como ferramenta de estudos textuais. No âmbito das artes cênicas, este mesmo potencial foi tema da dissertação de mestrado *O teatro performático de Hilda Hilst*, que permitiu uma leitura contemporânea das peças de Hilst.

4

A *Casa do Sol*, situada nas proximidades de Campinas/SP, foi onde a escritora Hilda Hilst morou e escreveu sua obra. Em 18 de dezembro de 2004 numa atitude liderada pelo escritor José Luis Mora Fuentes se transformou no Instituto *Hilda Hilst – Centro de Estudos Casa do Sol*.

hilstiana foi sendo sublinhada no que se refere à mistura das linguagens que concretiza, ao esfacelamento das fronteiras que congratula e à pluralidade de suas significações. Uma leitura semiótica reduziria a amplitude dos deslocamentos textuais, pautados pelas imersões políticas, pelas metáforas transcendentais, pelo teor simbólico e, sobretudo, pela intensidade dialógica com que evoca o corpo e a liberdade.

O grupo percebeu que as peculiaridades do palco exigiam uma versão também performática daquele inventário em uma proposta que trabalhasse com os deslocamentos do memorial. A partir desta percepção se chegou ao propósito da construção de um “Re-inventário Hilstiano”, modalidade que se torna nítida após se presenciar o espetáculo e que se tornou o matiz da encenação. O diretor do espetáculo Wester Castro orientou os trabalhos mediante a arquitetura deste “reinventário”, que não exigia qualquer indício tradicional de composição dramática. Cada fragmento passou a ser testado na sala de ensaio em todos os diálogos possíveis de construção com outras linguagens, intervenções improvisadas, sonoridades, rituais, instalações, laboratórios, para que destas experimentações fosse levantada a engrenagem dramática da peça, junto aos trabalhos de recorte, intertextualidade e apropriações das ressonâncias textuais no corpo das intérpretes.

A estrutura dramática de *A casa do sol* é composta por uma esfera híbrida de elementos em consonância com um discurso fluido que se desloca entre a música, o teatro, o corpo, as artes plásticas, a luz, os escuros e a textualidade que é conduzida por um viés diferente do fio condutor que remete ao histórico tom “fabular”. A engrenagem que estrutura as cenas obedece a uma coordenada fluidamente corpórea, longe das raízes dramáticas, enveredada pela pesquisa que o grupo imprimiu junto ao performático e que se converteu em uma peça cuja teatralidade está baseada na palavra, mas não se escora nas linhagens do drama tradicional.

A cena se apóia na figura das duas atrizes⁵ que se desdobram entre aquilo que dizem, a natureza que evocam, os elos que se configuram, a ação que desenham e os gestuais que escavam o memorial não só da autora, mas de um país desmemoriado e soterrado pelas superfícies. Ao invés de simplesmente codificar partituras diante dos tons de significância que os textos conduzem, as intérpretes, orientadas pelo diretor, imprimem com a mesma força, a poesia e os afiados sentidos que suas atuações performam, sem, no entanto, formatar respostas neste espetáculo que se enraíza a partir do interrogativo (tonalidade presente na obra hilstiana e que o grupo compartilha com o público como forma de ampliar suas ressonâncias).

Desta forma, o espectador é aguçado a intermediar os sentidos, as nuances e as contraposições que as atrizes direcionam, cuja única força que move é a do corpo em estado de grito, a palavra coagida pelo silêncio e a liberdade desvencilhada dos ímpetus de esclarecimento. Em nenhum momento as duas intérpretes elegem um determinado personagem como foco, embora as facetas de várias figuras hilstianas venham à tona, passam por elas, pelo corpo desnudo, pela gramatura dos adereços dispostos no espaço de jogo, pelo suor e lágrimas que aguçam o memorial sem, no entanto, basear o espetáculo em tons biográficos.

5

Na dramaturgia, a esfera evolutiva dos personagens e o discernimento de um conflito protagonista são o que menos importa diante da força daquilo que os compõe enquanto corpo, carne e espírito, modalidades que misturaram e contrapõem discursos vindos de distintos universos. A textualidade configura tudo o que no processo, mesmo não sendo texto, passou a ser lido como tal, articulando recorrências plásticas e sonoridades como estratégia na construção de diálogos. A composição teatral não duela com a palavra pela primazia do espetáculo, mas trabalha num terreno performático de junção, intercessões, complementação e contrapontos. A base de deslocamentos dos textos obedeceu a uma ordem vinda do próprio processo. A sala de ensaio é que direcionou a ligação/recorte das cenas e suas interposições, confluindo as memórias corpóreas e imagéticas da escritora.

A equipe de criação do espetáculo reuniu artistas de várias áreas com um ponto em comum: o mergulho entre as profundezas e superfícies que a obra hilstiana provoca e compartilha. A direção do espetáculo une o experimental com a cuidadosa e pungente junção de todos os elementos que outorgam à peça, múltiplas interpretações entre as contraposições do que se vê, do que se sente e do que ressoa. A música executada ao vivo intercala o espetáculo dramaturgicamente e performaticamente, a partir das composições originais do músico Sérgio Nicácio, que tanto no arranjo, na maneira de intervir e na execução pondera estados de multidão e uma fina película melódica e solitária que amplia a palavra dita. Não é uma música simplesmente composta como trilha, mas sonoridades que causam deslocamentos momentâneos, elevam a emoção e destilam um olhar ácido ao que se encena.

A ideia do corpo em movimento, lido como ultimato textual, alicerça o discurso deste espetáculo que ao traçar um “reinventário” do memorial hilstiano, insere a peça no terreno do inclassificável, propício aos textos performáticos contemporâneos que circunscrevem na cena diálogos construídos junto aos novos campos do saber, fator que tem movido os grupos de pesquisa e sinalizado rumos aos percursos que a dramaturgia contemporânea aponta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PAVIS. Patrice. *Teatro contemporâneo: imágenes y vocês*. Tradução Gloria María Martínez. Santiago: Arcis, 1998.

RODRIGUES, Éder. *O teatro performático de Hilda Hilst*. 2010. Dissertação em Estudos Literários – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

WERNECK, Maria Helena; BRILHANTE, Maria João. *Texto e imagem: estudos de teatro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

